



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JAYMISSON LUPICINIO DA SILVA

**HÍBRIDO: O CRISTÃO-NOVO NA SOCIEDADE COLONIAL BRASILEIRA NAS
OBRAS DE SONIA SIQUEIRA E ANITA NOVINSKY**

**GUARABIRA
2018**

JAYMISSON LUPICINIO DA SILVA

**HÍBRIDO: O CRISTÃO-NOVO NA SOCIEDADE COLONIAL BRASILEIRA NAS
OBRAS DE SONIA SIQUEIRA E ANITA NOVINSKY**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena
em História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de licenciada em História.

Área de concentração: História Cultural e
Regional.

Orientadora: Prof.^a Me.^a Naiara Ferraz
Bandeira Alves.

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586h Silva, Jaymisson Lupicinio da.
Híbrido [manuscrito] : O cristão-novo na sociedade colonial brasileira nas obras de Sônia Siqueira e Anita Novinsky / Jaymisson Lupicinio da Silva. - 2018.
29 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Ma. Naiara Ferraz Bandeira Alves, Departamento de História - CH."
1. Cristão-Novo. 2. Hibridismo. 3. Historiografia. I. Título
21. ed. CDD 570

JAYMISSON LUPICINIO DA SILVA

HÍBRIDO: O CRISTÃO-NOVO NA SOCIEDADE COLONIAL BRASILEIRA NAS
OBRAS DE SÔNIA SIQUEIRA E ANITA NOVINSKY

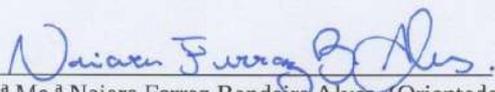
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Coordenação do Curso de
Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciada em História.

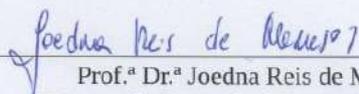
Área de concentração: História Cultural
e Regional.

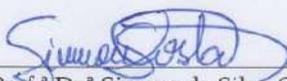
Orientadora: Prof.^a. Me.^a Naiara Ferraz
Bandeira Alves.

Aprovado em: 30/11/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Me.^a Naiara Ferraz Bandeira Alves. (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dr.^a Joedna Reis de Meneses
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dr.^a Simone da Silva Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe e a minha família dedico este trabalho de conclusão de curso, me tornando um dos poucos da família tendo adentrado na universidade e conseguindo um curso superior.

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha família, meu porto seguro, meu refúgio. Em especial minha mãe Elza Maria Lupicinio dos Santos e a minha Vó Hermenegilda Jeronimo dos Santos, pelo carinho, elas que me propuseram está cursando esta Universidade, com apoio financeiro e emocional durante esses anos de curso, ao companheirismo e a compreensão nos momentos que não pude dar a atenção que precisavam. Exemplos de mulheres para mim que apesar das dificuldades sempre estiveram ao meu lado durante esses mais de quatro anos.

À professora Naiara Ferraz, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação, sou grato pela paciência, carinho e amizade transmitida a cada encontro na UEPB, tenha certeza de que minha gratidão, à senhora, haverá sempre de tê-la.

Aos professores do Departamento de História UEPB- Campus III, por todas as discussões e pelo empenho na minha formação acadêmica, em especiais, Edna, Waldeci, Cristiano e Sheila que contribuíram ao longo desses mais de 4 anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

À minha grande amiga Bruna Melo, que esteve ao meu lado, me dando o apoio necessário, me ajudando e mostrando que eu tinha capacidade de superar todas as dificuldades que se apresentaram na criação deste trabalho.

À Escola Gentil Lins, por ter confiado me receber como professor estagiário, e com isso, servido como uma grande escola para a minha formação profissional e aos meus colegas professores.

Aos meus colegas de classe e do Campus-III da UEPB, pelos momentos de amizade e apoio. Todos que me ajudaram, nos trabalhos, nas discussões e nas dúvidas, foram anos de convivência, vou levar de alguma forma todos na minha vida.

Agradeço imensamente a vida, por ter me permitido viver e completar mais essa fase com a sensação de dever cumprido e de felicidade por ter enfrentado todas as dores que enfrentei, as vezes de cabeças erguida, sempre aqui lutando.

Sou grato a todos e a todas que de alguma maneira contribuíram para que eu conseguisse concluir este momento da minha vida.

“Traziam os homens que vinham para o Novo Mundo nos espíritos inquietos e titubeantes, temerosos ou arrojados, uma tônica: a religião, denominador comum das consciências” (SIQUEIRA, 1978, p. 19).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	O ELEMENTO CRISTÃO-NOVO: DEFINIÇÃO.....	11
3	O CRISTÃO-NOVO NA SOCIEDADE COLONIAL DE SONIA SIQUEIRA.....	14
4	A RESISTÊNCIA DO CRISTÃO-NOVO PARA ANITA NOVINSKY.....	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
	ABSTRACT	26
	REFERÊNCIAS	27

HÍBRIDO: O CRISTÃO-NOVO NA SOCIEDADE COLONIAL BRASILEIRA NAS OBRAS DE SONIA SIQUEIRA E ANITA NOVINSKY

Jaymisson Lupicínio da Silva¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a problematização do hibridismo do sujeito cristão-novo no Brasil no período colonial, momento em que as relações estavam ligadas diretamente ao sagrado. Usamos duas obras relevantes de Historiadoras de destaque sobre as discussões em relação a temática da Inquisição no período colonial, Sonia Siqueira e Anita Novinsky. Usamos como perspectiva teórica dois historiadores e escritores, Michel de Certeau e Roger Chartier para falar sobre o “Ofício do Historiador” e o seu discurso como verdade Histórica e como ele representa o seu lugar social de onde ele escreve e para quem escreve. Tendo uma pequena dimensão sobre o mundo dos cristãos-novos que viviam na Colônia, buscamos dialogar e debater acerca da interação desse ser híbrido na sociedade daquele período, como se deu e sobre quais circunstâncias esses cristãos-novos judeus se viram em uma nova terra e uma nova sociedade em um novo contexto social. Com um olhar de diferentes percepções, vamos fazer uma análise desse ser e detectar a sua importância na sociedade brasileira, bem como os legados por eles deixados. Faremos uma viagem sobre a problemática híbrida cultural com ajuda de outros autores, como Peter Burke com a sua discussão sobre cultura híbrida e com a ajuda de Néstor García Canclini, sobre as culturas híbridas da América com sua teoria de “Reterritorialização” que o tal sujeito enfrentou ao chegar na colônia. Também discutiremos o caráter de resistência em cima da hibridização do cristão-novo, tendo um caráter de identidade ou de submissão a essa sociedade católica.

Palavras-Chave: Cristão-Novo. Hibridismo. Historiografia.

1 INTRODUÇÃO

Michel de Certeau, pesquisador e autor de referência nos trabalhos de historiografia, descreve, em especial no seu texto *A Escrita da História*², sobre a relação do pesquisador com o seu objeto e diz quão fundamental é a análise dessa relação. O pesquisador ou o objeto de pesquisa se relaciona com o lugar social e, ou, ao tempo pesquisado, assim como os métodos, os procedimentos, a metodologia de suas análises e a construção de sua narrativa a partir das

¹Aluno de Graduação em Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. E-mail: Jaymisson122@gmail.com

²CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

subjetividades que estão presentes em todo trabalho que se diz científico. Ele levanta as seguintes questões sobre o “Ofício do Historiador” e sobre a legitimidade epistemológica, o que fabrica o historiador quando “faz História”? Para quem trabalha? O que produz? O que é esta profissão?

Em sua argumentação, Certeau (1982), fala do envolvimento de um *lugar social*, e dos procedimentos para a construção de um texto. Sendo assim, a partir de um lugar social, o Historiador seguindo um conjunto de práticas “Científicas”, a partir de um método de transcrição das fontes, se tem um resultado final na sua investigação, uma escrita própria, um rosto e um discurso histórico próprio. Com este discurso, o historiador pretende dar ar de veracidade e legitimidade a sua obra em forma de narração, que segundo Certeau

No discurso “lógico”, o conteúdo, definido pelo estatuto de verdade (e/ou de verificabilidade) atribuível a enunciados, implica em relações silogísticas (ou “legais”) entre eles, que determinam a maneira da exposição (indução e dedução). Ele, o discurso histórico, pretende dar um conteúdo verdadeiro (que vem da verificabilidade) mas sob a forma de uma narração. (CERTEAU, 1982, p. 96).

Essa Credibilidade, vem através das referências, citações e das notas de rodapé. Para Roger Chartier (2002), falar sobre a veracidade que ronda o *fazer História* de Certeau (1982), é evidenciar o discurso do saber, ele que sustenta a narrativa do Historiador.

“Pensar é passar.” Michel de Certeau muito passou, e muito pensou. Viajante e historiador- o que talvez seja um só. Mas, ao longo do percurso, jamais faltou coerência, e os desvios, na verdade, não eram verdadeiros desvios. Fazer história, para ele, exigia que sempre seja elucidada a relação mantida entre o discurso de saber e o corpo social que o sustenta e onde ele se escreve. Ao invés de dissolver sua cientificidade, essa lucidez é sua própria condição. De onde, essa reflexão aguda sobre a disciplina, que a compreende tanto como um lugar quanto como uma prática, tanto como uma ciência quanto uma escritura.” (CHARTIER, 2002, p. 161).

Certeau nos indaga a pensar que quando chegasse ao término da pesquisa, o Historiador produz um texto, uma representação do passado, que não se aproxima apenas da ficção, mas, também, se afasta dela. O Historiador obedece regras, regras na escrita e no modo de tornar o seu texto uma veracidade histórica. Ele precisa fazer referência as fontes e aos documentos. Na *Escrita da História* (1982), ele faz a seguinte observação.

O Writing ou a construção de uma escrita (no sentido amplo de uma organização de significantes) é uma passagem, sob muitos aspectos, estranha. Conduz da prática ao texto. Uma transformação assegura o trânsito, desde o indefinido da “pesquisa”, até aquilo que H. -I. Marrou chama a “servidão” da escrita. “Servidão”, com efeito, pois a fundação de um espaço textual provoca uma série de distorções com relação aos procedimentos da análise. Com o discurso parece se impor uma lei contrária às regras da prática. [...] Tomando-se um texto, a história obedece a

uma segunda imposição. A prioridade que a prática dá a uma tática de desvio, com relação à base fornecida pelos modelos, parece contradita pelo fechamento do livro ou do artigo. Enquanto a pesquisa é interminável, o texto deve ter um fim, e esta estrutura de parada chega até a introdução, já organizada pelo dever de terminar. (CERTEAU, 1982, p. 89).

Na linguagem francesa, pelas mãos do historiador jesuíta Michel de Certeau, o Historiador mesmo tendo que seguir regras de escrita, de fontes e referências, ele cria sua própria narrativa. Sendo assim, a partir da análise das obras *Historiográficas* de Sonia Siqueira e Anita Novinsky, destacaremos as diferentes perspectivas das autoras em relação ao hibridismo do cristão-novo em suas narrativas na sociedade colonial brasileira, destacando a resistência e a essência híbrida/judaica dos cristãos-novos. Com isso, buscamos discutir e debater acerca da interação desse ser híbrido naquela sociedade e naquele período, como se deu e sobre quais circunstâncias esses cristãos-novos judeus, se viram em uma nova terra e uma nova sociedade. A relação cultural que esse ser híbrido, forçado ou não tivera com diferentes ambientes e diferentes relações sociais que formaram diferentes seres, mas com um denominador comum, o sagrado nos seus corações.

2. O elemento cristão-novo: Definição

O conceito de *Herege*, originalmente vem do grego “*Hairesis*” e do latim “*Haereses*” e, o seus significados se dão à doutrina contrária ao que de maneira de *fé* subvertida aos conceitos definidos pela Igreja Católica. O cristão-novo, por sua origem, sendo ela muçulmana, judaica ou de outra religião que não seja cristã, tinha sempre uma atenção dos agentes da inquisição moderna (NOVINSKY, 1982).

O termo “Cristão-Novo” foi utilizado na Península Ibérica para todo aquele indivíduo que não praticava o catolicismo e que se converteu ou foi obrigado a ser converter ao cristianismo, normalmente judeus, muçulmanos e os seus descendentes. No reino de Portugal, os judeus mantinham várias comunidades, as chamadas comunidades Sefarditas³, na Península Ibérica. Comumente, eles atuavam no comércio, também financiavam vários projetos com várias ocupações. Isso provocava certa irritação na sociedade católica Portuguesa, como destaca a autora Sonia Siqueira (1978):

³Judeus cuja ascendência remonta às comunidades judaicas ibéricas (Espanha e Portugal) estabelecidas na Idade Média e dispersas por várias regiões (Europa ocidental, Norte de África, Turquia, Balcãs, Américas) após a expulsão da Espanha em 1492 e em Portugal em 1521. Essa comunidade cultural-religiosa apresenta características únicas do Judaísmo ibérico.

Diferenciavam-se judeus e cristãos. Tais diferenças expressaram-se em atritos de maior intensidade que foram sempre a constante de quatro séculos de vida comum entre os dois grupos. No fim do século XV, instalado o clima tridentino na Península Ibérica, a coexistência entre hebreus e católicos passou a se tornar cada vez mais difícil. Os conflitos aumentaram em número e importância. (SIQUEIRA, 1978, p. 69).

Sobre uma forte pressão da Igreja e do Reino da Espanha, tendo que amenizar a irritação de vários cristãos sobre os judeus, “D. Manuel⁴, em 1521, batizando todos os judeus criou em Portugal o cristão-novo. Este continuou contando com a mesma irritação com que a coletividade brindava aos hebreus. Diferiam estes religiosa, psicológica e socialmente do grupo cristão que os abrigava.” (SIQUEIRA, 1978, p. 67). Sendo assim, perante aos olhos do Santo Ofício e da Coroa Portuguesa, não haveria mais judeus no Reino de Portugal e nem nas colônias, desde o final do século XV. A partir dessa ordem o poder da Santa Inquisição foi legitimado, suas investigações e as suas punições também. As perseguições tomaram início contra aqueles que ainda persistiam em manter as práticas e as leis de Moisés na sociedade Portuguesa (BETHENCOURT, 2000).

O sujeito cristão-novo era um elemento negativo, então não poderia exercer qualquer cargo público ou de chefia em certos lugares. Com isso, várias pessoas foram perseguidas e mortas, ou tiveram os seus bens confiscados, coincidindo esse momento com as grandes navegações para o Novo Mundo, consolidando-se em um grande número de cristãos-novos, por quase três séculos migraram para o novo mundo tentando fugir das perseguições. “[...]e as pequenas burguesias, mal definidas, que abrangiam os mercadores, pequenos industriais, artesões e todos os responsáveis pelas atividades estereotipadas ou reprodutoras do sistema burocrático que se transplantou para Colônia” (SIQUEIRA, 1978, p. 76-77).

Cristãos-novos, fruto da inquisição, elemento criado a força, perseguidos, pela sua descendência tiveram que se adaptar aos novos tempos, vários deles vieram para o Brasil. A América Portuguesa foi um refúgio para aqueles que tentavam se esconder dos olhos da Inquisição. Tiveram que se esconder ou se adaptar os seus costumes a essa sociedade, um misto de práticas religiosas (SIQUEIRA, 1978).

Envolvidos em buscar uma nova vida, uma nova terra, os cristãos-novos estavam criando uma vasta rede de relacionamentos, pessoais/familiares e também comerciais. Tendo que se deslocar várias vezes até conseguir um lugar sem perseguições; os cristãos-novos

⁴D. Manuel, o décimo quarto rei de Portugal, que em 1496 decretou que todos os judeus que não se quisessem batizar a abandonar o país no prazo de dez meses, sob pena de confisco e morte. Pela lei de 4 de maio de 1497, proibiu que se indagasse das crenças dos novos convertidos e, por alvará de 1499, dificultou a saída do reino aos conversos. E, em 1521 batizou todos os judeus que viviam em Portugal, criando o “Cristão-Novo Português”, o objetivo era agradar aos Reis Católicos da Espanha e ao mesmo tempo, evitar que os judeus continuassem a ser um todo independente dentro do Reino.

precisavam manter relações com pessoas que já tinham desbravado os oceanos e constituindo uma rede social de contatos. “A colonização do Brasil, marcada pelo caráter empresarial, foi também um processo de europeização da terra. Os agentes desse processo – os burgueses – eram em sua grande maioria cristãos-novos” (SIQUEIRA, 1978, p. 67).

Vários interesses foram se criando, várias pessoas viajavam apenas para cuidar dos negócios e dos interesses particulares desses cristãos-novos a serem “reterritorialização” ao Novo Mundo, tendo como base a teoria de “desterritorialização” e “reterritorialização” de Néstor García Canclini⁵. A partir de Canclini (2006), notamos que sujeito cristão-novo, em um primeiro momento foi “desterritorializado” ao ser expulso de Portugal, e num segundo momento foi “reterritorializado” ao chegar a colônia, que embora colônia de Portugal, acabaram recriando seus espaços socioculturais, redefinindo suas práticas, seus símbolos, seus conceitos culturais, e com isso, completamente deslocado de seu lugar no mundo social de origem, ele assume uma nova identidade de forma a se adaptar à nova realidade, ao novo contexto em que passa a se encontrar.

De acordo com Siqueira (1978) combater as heresias era uma das principais motivações da Igreja católica na colônia. Com isso, para se manter mais próxima, em janeiro de 1551 o bispado do Brasil foi criado, com sede em Salvador e jurisdição em todas as terras e partes da colônia, antes disso o bispado do Brasil ficava sob autoridade do arcebispado de Lisboa. A “Catolização” do Brasil era de interesse do Papa, montar uma hierarquia na colônia, sem mas ser dependente como a da Metrópole, da vontade e dos interesses do Rei.

As visitas do santo Ofício Português no Brasil se limitavam principalmente a manter a cristandade e a unidade do Império ultramarino do Reino de Portugal. As autoridades civis e religiosas empenharam grande esforço nos primeiros anos de vida colonial no Brasil, em zelar e manter a ortodoxia da crença católica. As visitas mais conhecidas da Inquisição foram em lugares mais povoados, nas capitânicas do atual Pernambuco, Paraíba, Bahia e Minas Gerais (SIQUEIRA, 1978).

A catequese para os homens brancos cristãos-velhos, era diferente da dos nativos da colônia, pois consistia em atender manutenção das práticas de piedade e liturgia, para combater as práticas hereges ou desvios da religião católica. (SIQUEIRA, 1978). A autora relata que no

⁵CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas. São Paulo: EDUSP, 2000.

combate às heresias e apostasia⁶ os agentes da igreja agiam com sua autoridade de prelados⁷ e depois remetiam os autos e presos à inquisição, em Lisboa (SIQUEIRA, 1978). As denúncias eram as causas de processo nesse período perigoso para aquele que não seguia na linha do cristianismo, os bispos ouviam tais denúncias e procedências contra elas, como no caso relatado no livro de Siqueira (1978, p. 149) onde “Felipe Tomaz acusado de possuir um exemplar da Torah”.

Denúncias envolvendo terceiros, também eram comuns, bastava apenas uma suspeita para abrir um processo de investigação, como no relato no livro de Siqueira (1978) de Isabel de Oliveira, onde um bispo, Pedro Leitão, teria recebido uma denúncia de um João Mendes, relatando atitudes suspeitas de Branca de Leão, sobre atos suspeitos em uma “Quinta-Feira Santa”. Casos de heresias e desvios eram o mais comuns, muitas vezes o caso era iniciado por denuncia de um vizinho ou até mesmo de um parente, normalmente por causa de uma rixa ou disputa entre as partes.

3. O CRISTÃO-NOVO NA SOCIEDADE COLONIAL DE SONIA SIQUEIRA

A obra *A Inquisição Portuguesa e a Sociedade Colonial* de Sonia A. Siqueira⁸ uma das maiores especialistas nos estudos sobre a Inquisição, é uma das pioneiras nos estudos sobre os cristãos-novos no Brasil, junto da Professora Dr.^a Anita Novinsky⁹ na temática Inquisitorial como um contraponto aos seus estudos.

O início da sua formação acadêmica tem início no curso de Geografia e História, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Se graduando no ano de 1955, concluído o doutorado em História Moderna, pela Universidade de São Paulo, no ano de 1968 tornou-se professora titular em História Ibérica em 1978 pela mesma Universidade de São Paulo. Além de trabalhar na área de História, a professora atuou na área de educação no Mestrado, com a temática da Memória e suas Representações e por último História na UERJ¹⁰. Foi professora

⁶ Quaisquer atos relacionados com a renúncia ou abandono público de uma religião ou renúncia da fé, no caso a religião católica no período colonial.

⁷ Título de honra atribuído a certos eclesiásticos que ocupam cargos altos e muito importantes dentro da Igreja Católica, no período colonial, tinha o encargo de governar ou dirigir os atos admirativos da Igreja e os seus dogmas da fé.

⁸ SIQUEIRA, Sonia Aparecida. *A Inquisição Portuguesa e a Sociedade Colonial*. São Paulo: Ática, 1978.

⁹ Além dos estudos realizados por Sonia Siqueira e Anita Novinsky, à outros estudiosos que contribuíram para a constituição de uma historiografia judaica no Brasil, como são os casos de José Gonçalves Salvador (1976), Egon e Frieda Wolff (1975) e Elias Lipner (1977).

¹⁰ Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

colaboradora do Mestrado de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, ainda participando de alguns eventos vinculados a universidade.

A influência da escola francesa em sua obra é evidente pela sua formação, na USP nos anos 50 do século XX, assim, ela se preocupa com a mentalidade que entorna ao redor do sujeito, mas, contudo, respeitando as fontes e o uso das mesmas. Dessa forma, Sonia Siqueira, se aproxima mais dos estudos da Mentalidades, que emprega o homem o seu modo de viver e de pensar no seu tempo e sua própria época.

Segundo a autora ao analisar a documentação do Santo Ofício da Inquisição, para sua obra, “A inquisição portuguesa e a sociedade colonial” nos mostra como as conjunturas sociais e mentais eram regidas naquele período.

[...] Os papéis da Inquisição guardam, sob a rigidez do formulário jurídico, fragmentos ou amostras da existência cotidiana, da conjuntura mental, ao revelarem conexões sociais, políticas, econômicas. Ao revelarem, sobretudo, opiniões: opiniões dos homens sobre os seus semelhantes, e sobre si próprios [...] (SIQUEIRA, 1978, p. 11).

Apesar de receber influência forte e direta da metrópole católica, Siqueira (1978) diz que dada a vastidão territorial da colônia, era cheia de multiplicidades culturais e individuais. Indivíduos religiosos, os povoadores sentiam com mais intensidade que deviam harmonizar dois domínios incompatíveis e heterogêneos da experiência: precisavam manter as relações com o sagrado e com o profano. Nessa mesma perspectiva, pode se entender que a população católica no Brasil manteve práticas não concedentes a religião oficial da Coroa portuguesa.

O Brasil recebeu várias pessoas, com diferentes influências culturais e religiosas de povos nativos, ou de outros continentes, como da África e também do Velho Mundo. Fazendo parte deste grupo de imigrantes, Judeus convertidos à força pelos regimes vigentes da inquisição da Igreja Católica de Portugal, a exemplo. A questão heterogênea que os cristãos-novos entram no novo mundo, nem cristãos-velhos nem Judeus, mas um híbrido das duas religiões descendentes de Abraão, “ser cristão-novo era, pois, viver desajustado, semi-impermeabilizado à miscibilidade e à aculturação. A presença do cristão-novo não diminuíra a tensão social. O judeu batizado causava na coletividade maior irritação.” (SIQUEIRA, 1978, p. 70).

A irritação também estava do outro lado, segundo Sonia (1978), o cristão-novo também tivera irritação por viver naquela sociedade, onde ele manteve duas vidas, duas religiões. Sonia diz que.

Odiava a sociedade que o compelia a uma vida de simulações que lhe tolhia a liberdade de crença, mas guardava certa atitude precavida, cômico de ser o lado mais débil.

Cristão-novo e cripto: elementos desigualmente marginalizados na sociedade do barroco. (SIQUEIRA, 1978, p. 71).

Para o Brasil, três grupos diferentes, mas iguais, vieram para o Brasil tentar viver uma nova vida, “Cristãos-novos e cristãos-velhos vieram para o Brasil. Também vieram os Criptojudeus” (SIQUEIRA, 1978, p. 72) nos seus corações, um denominador comum, a religião nas suas consciências, um âmbito que possibilita a simbiose dessas culturas, dessas mentes.

Na obra *Hibridismo Cultural* de Peter Burke¹¹, o autor compreende que, o hibridismo também pode ser relacionado a vários fatores, como na música, na linguagem, nas festividades no modo de viver e até mesmo como forma de resistência. Essas relações interculturais formam vários discursos e identidades híbridas, como as dos cristãos-novos que convertidos à força ou não, eles são a junção de dois mundos.

Os povos híbridos são cruciais em todos estes processos. Dentre eles, temos grupos híbridos como os anglo-irlandeses, os anglo-indianos e os afro-americanos. O periódico *Oiasporas* (que começou a ser publicado em 1991) e testemunha do crescente interesse pelo estudo de grupos que por raízes religiosas, políticas ou econômicas se transferiram de uma cultura para outra: os gregos de Constantinopla depois de sua captura pelos turcos em 1453; judeus e muçulmanos da Andaluzia depois da queda do Reino de Granada em 1492; os italianos depois de 1870 para a América do Norte, a América do Sul e a Austrália; os chineses para o sudeste da Ásia ou para a Califórnia nos séculos XIX e XX. . (BURKE, 2006, p. 36).

A resistência também faz parte do hibridismo, se adequar à nova realidade, tendo que preservar as suas práticas, mas, de um novo modo, um modo invisível, sem que possa chamar atenção, foi assim que alguns do cristãos-novos se adaptaram e conviveram escondidos, entre os aparelhos inquisitoriais.

Cristão-novo e criptojudeu não são sinônimos. O nascimento gera o primeiro, a vontade o segundo”. O cristão-novo esforçava-se por ser igual aos demais: tentava vencer as barreiras do meio e do seu íntimo e ajustar-se. O criptojudeu contentava-se em parecer igual aos demais. Reservava-se o direito de continuar sendo judeu, de permanecer, às vezes, heroicamente fiel a si mesmo, à religião herdada. Por isso tinha duas religiões: uma externa, social, outra a religião da sua consciência, interior, feita de práticas secretas. Odiava a sociedade que o compelia a uma vida de simulações que lhe tolhia a liberdade de crença, mas guardava certa atitude precavida, cômico de ser o lado mais débil (SIQUEIRA, 1978, p. 71).

Sobre a narrativa de Siqueira, pode se dizer que o caráter múltiplo das consciências dos cristãos-novos, levando em conta vários momentos distintos da repressão e os modos de evitá-las, o hibridismo como forma de se esconder, ou assimilação de novas crenças, que ao passar

¹¹BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Unisinos, 2003; Para o historiador inglês Peter Burke, a globalização cultural envolve hibridização. Em *Hibridismo cultural*, Burke apresenta o debate sobre a globalização da cultura a partir de uma perspectiva histórica.

do tempo foi se transformando e se tornando algo novo. Um híbrido cultural da resistência ao convívio das práticas não católicas que foram se misturando, e passando despercebido ao imaginário do Santo Ofício.

Pascoal (2013)¹², evidencia, o conceito de hibridismo presente no enredo textual produzido por Sonia Siqueira, e que permite indagar sobre o complexo do universo existente entre as estratégias de poder utilizadas pelo Santo Ofício português e as táticas e desvios operados por homens e mulheres ordinários que estiveram envolvidos nesse fluxo sociocultural.

O fenômeno religioso aparece em destaque durante toda a sua narrativa e nos permite uma maior compreensão sobre a multiplicidade de consciências dos cristãos-novos que viveram momentos distintos, como o medo da repressão, a assimilação da crença e a esperança de reconciliação com a sua fé quando esteve em pecado, o Criptojudaísmo de muitos que ousaram permanecer mesmo às escondidas professando a sua fé judaica, o hibridismo de crenças e de culturas fomentando uma relação com o sagrado muitas vezes incompreensível para os representantes do Clero e do Santo Ofício e por fim, a própria religiosidade e crença desses representantes que creram, durante a sua jornada de vida, na missão para a qual haviam sido destinados e que deveriam estrategicamente cumprir por acreditar nela. (Idem, p. 6).

“A religião católica, no período colonial, influiu quase que exclusivamente na organização da cultura no Brasil, que se desenvolveu à sombra dos conventos, seminários e, principalmente, dos colégios dos filhos de Santo Inácio” (SIQUEIRA, 1978, p. 84). Tendo isso, em uma atmosfera cheia de medos e de desconfianças sobre a sua origem, vários cristãos-novos tiveram que se adentrar (*Um ser comum aos outros*). Nesse universo, segundo Sonia (1978), para poder resistir, essa junção forçada ou até mesmo natural a partir de uma convivência social ao seu redor, criou um híbrido das duas culturas, um híbrido que se adaptou ao seu espaço social de forma que possa conviver e também resistir a sua própria maneira.

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e apreciação do real. (CHARTIER, 1998, p. 16-17).

Com isso a História Cultural pode explicar ou até mesmo elucidar questões que não puderam ser relatadas de modo exato ou que eram reprimidas no período referencial da época. Lacunas que ainda permanecem vivas na sociedade, as respostas como determinados lugares

¹²PASCOAL, José Runivaldo Marques. A ANÁLISE DO ELEMENTO CRISTÃO-NOVO NA HISTORIOGRAFIA DE SONIA SIQUEIRA E ANITA NOVINSKY. Mestrando em História/Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Linha de pesquisa: História Regional.

da sociedade viveram em determinado período, a realidade cultural local, podendo ter vários caminhos, sobre culturas que passaram por essas sociedades e deixaram seus vestígios.

4. A resistência do cristão-novo para Anita Novinsky

Quando se fala em cristão-novo no Brasil Anita Waingort Novinsky é a referência principal e obrigatória para a elaboração de um trabalho historiográfico sobre a temática junto da Dr.^a Sonia Siqueira. Polonesa de origem judaica, sua formação acadêmica tem início na Universidade de São Paulo no curso de Filosofia em 1956, tendo se especializado em Psicologia em 1958 e em 1977, o doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo em 1970 e Pós-Doutorado pela Universidade de Paris em 1983. Também foi influenciada pela escola Francesa das mentalidades, tendo se formado na USP uma referência para Historiografia do Brasil na época. Foi uma pioneira na análise e estudo dos documentos e processos inquisitoriais de Portugal sobre a colônia (Brasil) no Arquivo Nacional de Portugal “Torre do Tombo¹³”. Algumas dessas grandes obras são “*A Inquisição*¹⁴” e também o livro “*Os Cristãos-Novos na Bahia*¹⁵”, obra para referência deste trabalho, a referente obra, foi fruto de 10 anos de pesquisa da professora Anita, nos quais os 5 últimos foram pesquisa e de leitura documental de manuscritos.

Novinsky (1972) utilizou do termo “Neocristãos” para se referir proxicamente ao hibridismo, para ela a Bahia era “a cabeça, do Estado do Brasil no século XVII” (NOVINSKY, 1972), tendo uma pequena e fechada burguesia, um grupo social com várias redes de relacionamento.

Percebemos, no decorrer dos estudos, que Anita não aceita a perspectiva do ser híbrido ou mestiçagem, pois segundo as ideias de Gruzinski (2001), o seu emprego rotineiro, minimiza as culturas envolvidas, trazendo uma perda inevitável e irreversível.

[...] considerar as mestiçagens processos que se propagariam aos fins de entidades estáveis, denominadas culturas ou civilizações. Ou como sendo uma espécie de desordem que de súbito atrapalhasse conjuntos impecavelmente estruturados e tidos como autênticos. (GRUZINSKI, 2001, p. 52).

¹³Projeto de pesquisa e documentação dos processos Inquisitoriais de Portugal e das suas colônias.

¹⁴Novinsky, Anita. *A Inquisição*. Brasiliense, 1982. Livro sobre inquisição na América Portuguesa e Espanhola.

¹⁵Novinsky, Anita. *Cristãos-novos na Bahia*. São Paulo. Editora Perspectiva. 1972. Livro sobre os cristãos-novos na sociedade Baiana no período colonial.

O lugar social de judia, o pertencimento ao grupo estudado, poderia de certa maneira, distanciar a da proposta de mistura, haja vista que para os judeus o que prevalece é o instinto de sobrevivência/resistência a partir de suas práticas culturais, suas práticas do sagrado que permanecem ao longo de suas histórias de vida.

Contudo, nós destacamos que nas entrelinhas do percurso histórico deste grupo que desembarca no Brasil colonial, sua característica mestiça construída desde o momento do batismo, até mesmo, ao longo de suas convivências e práticas realizadas nos trópicos. A resistência e a adaptação, formam algo novo, que não está vinculado à submissões ou substituições, mas a circularidade de práticas e formas de culto.

Alves (2006) diz que Ginzburg descobriu, com Menocchio¹⁶, que a resistência da cultura subalterna e a circularidade cultural entre as classes dominantes e populares, pois não importa quem está no controle, a cultura não se relaciona através da dominação, sendo assim as duas culturas se beneficiaram, havendo trocas culturais dos dois lados, por parte cultura dominante, os cristãos e também por parte da cultura dominada marginalizada, os cristãos-novos nesse contexto dessas duas culturas, havendo também uma circularidade horizontal com outras classes no mesmo nível dos cristãos-novos, como a cultura negra africana e a nativa indígena.

O processo de aculturação foi um processo de perda e aprisionamento das culturas marginalizadas, aos olhos dos católicos, a sociedade católica e todos aqueles que faziam parte da sociedade tinham em sua mente o estranho como o marginal (ALVES, 2006). O que deveria ser semelhante a cultura dominante, ao longo do tempo essa estética da aculturação foi se transformando em sincretismo, esse sincretismo mais por parte dos cristãos-velhos, onde absolveram partes da cultura judaica do cristão-novo híbrido. Dentro dessa sociedade há um embate entre essas culturas, o processo de hibridação foi por muito tempo forçado, sem escolha, mas ao passar das relações, a sociedade colonial foi criando seus próprios moldes. Mas deixamos claro que a circularidade não é uma evolução do acultramento, pois os dois termos formatos e moldes diferentes (ALVES, 2006).

Em Novinsky (1972) pode se notar o entrelaçamento no meio social, também a transformação e a mudança de posição que o cristão-novo teve na estrutura da colônia, à medida que para essa se transferia, de sua ascensão social, bem como sua participação na vida econômica, social e administrativa.

¹⁶GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução: Maria Betânia Amoroso. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. A história de um moleiro que foi investigado pela Inquisição, que criou novos paradigmas sobre a cultura popular e erudita da época, por meio da vida de Menocchio, o moleiro.

Dentro dessa sociedade oficialmente católica, onde o sujeito cristão-novo era visto como um elemento negativo, o hibridismo poderia ser também utilizado como forma de resistência, mesmo que Anita não admita isso. Notamos que para ela, o sujeito cristão-novo é um ser político perseguido nessa sociedade, o fato dele ser um agente político, só caracteriza suas práticas como forma de resistir e sobreviver a essa sociedade, onde não havia liberdade de consciência. Sua conduta híbrida era a melhor política, passar despercebido era fundamental, qualquer gesto ou fala poderia ser decisiva.

O cristão-novo no Brasil apresenta algumas características extremamente interessantes e que o distinguem nitidamente dos cristãos-novos que emigraram para países do norte da Europa ou para o Levante. Miscigenou-se com a população nativa, criou raízes profundas na nova terra, integrando-se plenamente na organização social, ao mesmo tempo que permitiu a integração e acomodação do cristão-novo, sofreu reciprocidade, deste, profunda influência. (NOVINSKY, 1972, p. 58).

Diferente dos cristãos-novos da Europa, os cristãos-novos da península Ibérica, principalmente os de descendência lusitana, miscigenaram-se com a população nativa da colônia, assim criando raízes, e estabelecendo um certo tipo de proximidade, e de sentimento a essa terra cristã colonial. Sendo assim, criou várias relações com essa sociedade controlada e regida pela fé cristã, mas ainda assim o sujeito cristão-novo manteve relações políticas e sociais, tendo exercido funções políticas dentro daquela sociedade sempre vigiada. Mesmo assim, Anita afirma, que o cristão-novo não teve uma hibridação, ele ainda manteve velhos hábitos do povo de Abraão, o Criptojudaísmo¹⁷. Ainda que escondido dentro de suas casas, o lar privado era de certa forma um lugar seguro para esse cristão-novo praticar sua fé, mas por quanto tempo ele praticou sua fé sem alterações ou assimilações culturais?

Anita diz que “a resistência se manteve mais no plano religioso do que no étnico, e foi mais forte entre os cristãos-novos que faziam parte da burguesia comercial, os homens de “ida e vinda” do que nos latifundiários, integrantes da vida local” (NOVINSKY, 1972, p. 60-61). Ou seja, diferente daqueles cristãos-novos que não tinham como manter relações com as suas antigas práticas, o cristão-novo pobre da colônia que criara mais laços com a terra, com aquela sociedade, se misturando, se fez híbrido daquela cultura.

Percebemos que a essência judaica, que Anita prega é o que move o ser judeu, diferente do cristianismo, onde a vontade gera o ser cristão, o nascimento o judeu por se só já o torna

¹⁷Práticas, rituais e ensinamentos, onde vários cristãos-novos, descendentes de Judeus exerciam seus costumes em segredo. O Criptojudaísmo realmente foi uma prática que os cristãos-novos se utilizaram para resistir a perseguição, a inquisição utilizou disso para perseguir e acursar várias pessoas inocentes com o objetivo de apreender seus bens a favor dos interesses da igreja.

judeu, descendente de Abraão. A mãe judia é o que torna esse ser orgulhoso da sua fé. Tendo isso, para ela admitir a hibridação do cristão-novo judeu a outras culturas é tão difícil, o cristão-novo não apenas se misturou a cultura cristã católica, mas também das culturas africanas pelos negros e também nas nativas do Brasil, os indígenas também foram uma fonte cultural para esse ser como a própria Anita diz em sua obra.

Na análise de Pascoal (2013), sobre a obra de Anita, sendo o cristão-novo um ser que literalmente fica entre as cruz e a espada, o cristão-novo de Anita prefere viver sempre ao perigo da espada, não se tornando completamente um cristão católico.

Um homem dividido, encontra-se num mundo ao qual para a referida pesquisadora, não aceita o catolicismo e não se integra ao judaísmo. É considerado judeu pelos cristãos, e cristão pelos judeus. Internamente é um homem que, se equilibra no mito da honra e procura sobreviver numa sociedade intolerante com o ser diferente (PASCOAL, 2013, p. 11).

Anita (1972), critica algumas historiografias, onde o sujeito cristão-novo, foi culpado, acusado de apoiar a invasão Holandesa. Ela afirma em sua obra que a cristão-novo tupiniquim, até mesmo o criptojudeu do Brasil, diferente do de Portugal ou até mesmo do resto da Europa, criara raízes fortes com a terra. Usando apropriada fala de Anita, onde ela diz cristão-novo estava diretamente ligado a interação social dessa sociedade colonial, pode se dizer que a hibridação era real e concreta, claro que sempre tomando cuidado para que essas relações sociais, não seja um passo em falso. Apesar dessas relações criarem laços, esses laços poderiam ser cortados com uma simples palavra dita ou um gesto feito poderia acontecer uma denúncia ao Santo Ofício.

O ambiente estranho, a solidão do vasto continente, a distância da pátria e dos círculos familiares, e principalmente o imperativo da necessidade de cooperação para a própria sobrevivência, tanto material como social, aproximou cristãos-velhos e cristãos-novos e amorteceu as barreiras discriminatórias (NOVINSKY, 1972, p. 65).

Tendo em vista da vastidão da colônia, já naquele período, e a dificuldade de se locomover, o cristão-novo nem católico nem judeu criara seu próprio jeito de viver, viver ao seu modo, deslocado. Sendo assim tornasse impossível manter uma cultura sem agregação ou esquecimento, a hibridação do sujeito cristão-novo pode se dizer que ainda é uma forma dele não esquecer de si mesmo, da sua cultura, mantendo aquilo que é mais forte e referencial, e agregando aquilo que está mais presente no seu dia, dia cotidiano.

Segundo Anita (1972), eram homens que se moviam dentro de uma sociedade, da qual sabiam não fazer parte.

O processo assimilatório cumpriu-se de modo mais integral entre os grupos sociais extremos: os cristãos-novos de condição humilde, empregados, artesões que chegaram a mesclar-se frequentemente com a população negra ou indígena e os que lograram alcançar altas posições, ansiosos por apagar sua origem, casavam com cristãos-velhos. A resistência se manteve mais no plano religioso do que no ético, e foi mais forte entre os cristãos-novos que faziam parte da burguesia comercial, os homens de “ideia e vinda”, do que nos latifundiários, integrados na vida local. Foram estes homens que comerciavam, que iam e vinham a Portugal e ao norte da Europa, os que se opuseram com maior tenacidade à religião católica, simbolizada pelo Santo Ofício. (NOVINSKY, 1972, p. 60-61).

Mais uma vez, baseando-se na grande extensão territorial do Brasil, e da multiplicidade das populações, das sociedades locais e provinciais. Não se pode dizer que existe uma homogeneidade do que refere-se ao sujeito cristão-novo como sujeito ativo político social, e também no que se refere ao criptojudaísmo e ao hibridismo cultural.

Não podemos tomar os cristãos-novos na Bahia como exemplos para justificar um a generalização, nem do ponto de vista social, nem do ocupacional. O cristão-novo não foi, como dissemos em capítulo anterior, um tipo homogêneo, com um comportamento similar em todas as regiões do Brasil. (NOVINSKY, 1972, p. 64).

Em *O Pensamento Mestiço*, “cada criatura é dotada de uma série de identidades, ou provida de referências mais ou menos estáveis, que ela ativa sucessiva ou simultaneamente, dependendo dos contextos” (GRUZINSKI, 2001, p. 53). Com isso a identidade do indivíduo está sempre ligada a partir das relações que ele matem nas multiplicidades da sua origem. A identidade pode ter várias definições, pois, a partir das relações e interações múltiplas cria-se um ser híbrido.

Isso abre pressuposto que para que o cristão-novo na sociedade colonial tinha várias faces dependendo do ambiente e da situação que ele se encontrara, se no perímetro urbano ou se em ambiente rural isolado. Sendo assim, o hibridismo poderia acontecer, de várias maneiras, o criptojudaísmo que Novinsky (1972) prega também poderia variar, até mesmo entrar no espectro híbrido.

Mesmo praticando o criptojudaísmo, os cristãos-novos que ali estavam, sendo ou não obrigados a participarem das atividades sócias, eles se inteirava-se e misturava-se com aquela sociedade cristã, a participação de grupos sócias era fundamental naquela sociedade, era nesses grupos que sociedade criara laços e decisões.

Em uma era de cristianismo, ecumênico, os historiadores da Reforma hoje estão mais dispostos do que antes a admitir a importância das trocas culturais entre católicos e protestantes. E historiadores das missões europeias à Ásia, África e América agora reconhecem que os “convertidos” não tanto abandonaram suas religiões tradicionais pelo cristianismo quanto fizeram uma espécie de síntese das suas religiões. Às vezes a mistura era óbvia para os missionários. (BURKE, 2003, p. 20).

Ragusa¹⁸ (2012) na sua dissertação, diz que esse processo de “reterritorialização” de Canclini (2006), que já foi supracitado diz que o processo de hibridização, no qual se entende ser bastante complexo, ocorreu por exemplo, a medida em que os cristãos-novos passaram a estabelecer novas relações, emergindo assim, uma nova identidade, muito mais híbrida, com elementos culturais bastante novos aos se comparados a da antiga terra, no caso Portugal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as obras das duas autoras, a partir de uma análise das suas narrativas e com uma nova historiografia inquisitorial, como novas referências de base e o discurso historiográfico de Michel Certeau. Pode se dizer que o caminho epistemológico dessas autoras traz um referencial de proximidade do Historiador e das suas fontes, principalmente Anita Novinsky, tal como se mostra também nas suas narrativas. Para Certeau (1982) existe uma necessidade de semantização referencial, que no caso vem da cultura das linguagens, um método para poder transcrever as suas referências, assim o intérprete desse texto constrói uma metalinguagem própria, uma narrativa exclusiva sua.

Sendo uma ciência própria com suas próprias características, o discurso histórico tornasse um sujeito que constrói novos paradigmas já legitimados ou também desconstrói tais paradigmas, tendo o texto como um ser diretamente ligado ao lugar social, ou instituição de origem dessa produção histórica.

O Historiador cria um discurso, mas um discurso com referência, a história é uma ciência com suas próprias regras e métodos, e com seus próprios discursos, tendo isso as Historiadoras Sonia Siqueira e Anita Novinsky criaram suas próprias narrativas, cada uma com seu jeito e método de escrita, analisando as mesmas referências, criando suas próprias narrativas.

¹⁸RAGUSA, Helena. A História dos Cristãos-Novos no Brasil Colonial e a Escrita nos Livros Didáticos: Um Estudo Comparativo. Dissertação de Mestrado, 2012.

Percebe-se então o lugar social das duas referentes autoras, “a interpretação tem como característica reproduzir, no interior do seu discurso desdobrado, a relação entre um lugar do saber e sua exterioridade” (CERTEAU 1982, p. 101).

Com a vastidão do Brasil colonial, e com os sua vasta massa de indivíduos cada um com seus aspectos, o Criptojudaísmo foi uma prática de resistência de vários grupos de cristãos-novos, essa prática foi uma forma, uma maneira de resistir a inquisição, como a historiadora Anita Novinsky defende. Onde os cristãos-novos judeus mantiveram seus hábitos judaizantes, principalmente grupos mais fechados e isolados, vários elementos tiveram manutenção, vários elementos culturais se mantiveram no interior de suas casas, escondido dos aparatos da santa inquisição portuguesa no Brasil.

Com as falas da própria Anita, e com as falas de Sonia Siqueira e de vários novos trabalhos sobre essa temática, que levanta e responde essa e vários outras questões, pode se dizer que, percebemos que a questão híbrida do sujeito cristão-novo era de fato uma questão complexa, e muito mais difícil de falar ou de ser afirmar, levando em consideração as configurações sócias, temporais e espaciais de onde tais sujeitos estavam inseridos.

Tento perdido seu mundo, seu território, e também tendo que se se adaptar ao novo território, o cristão-novo se deixou ou até mesmo foi obrigado, a receber essas influências culturais desse novo modo de vida na sociedade colonial Brasileira. Assim como Sonia e Anita afirmam nas suas obras, o cristão-novo nem era cristão nem Judeu, poderia ser de tudo um pouco ao passar dos anos, ao passar das relações, ao passar por lugares. Assimilando costumes e práticas, de forma natural, ou de forma que possa passar despercebido ao olhos do cristãos-velhos e também do Agentes da Inquisição.

Chartier diz que a História Cultural poderia nos mostra como as relações, os ambientes eram formados, no mundo social dos cristãos-novos no período colonial, era complexa e cheia de variações, sua identidade era também complexa, um misto, a construção do real para os seus representantes. Na concepção de Chartier da representação nas práticas do lugar social, para quem representa, e também para quem foi representando, assim se torna uma análise Historiográfica, Chartier ainda fala no conceito de Certeau, onde diz que o profissional da escrita está sujeito ao moldes da crítica dos contextos forjados na própria análise.

Para ele, fazer história era ao mesmo tempo submeter à experiência crítica os modelos forjados em outros contextos, quer fossem sociólogos, econômicos, psicológicos ou culturais, e mobilizar para entender o sentido dos signos guardados pelo arquivo, suas competências de semiótico, de etnológico, de psicanalista. Dos cruzamentos inesperados, livres, paradoxais, entre esses saberes que dominava nasce uma escritura própria onde o historiadores profissionais reconhecem as regras do ofício,

soberbamente respeitadas, avaliando simultaneamente suas próprias falhas. (CHARTIER, 2002, p. 152).

Mesmo gozando da tolerância religiosa, os cristãos-novos que tiveram essa hibridação com o catolicismo permaneceram com essas práticas, o processo estava tão enraizado dentro desses sujeitos, que isso mostra que o hibridismo também foi natural e pacífico. Em sua dissertação de mestrado Ragusa (2012) ainda falando em cima de Canclini (2006) diz que é importante atentar para o fato de que os cristãos-novos participaram e auxiliaram no processo da ocupação holandesa por mais de uma razão e por outros motivos que não necessariamente estavam ligados à tolerância de Maurício de Nassau os dera, mas tendo esse benefício, muitos retornaram ao judaísmo. Mas também, muitos outros que tendo esquecido ou deixado para trás suas práticas, já estavam distantes. Catolizados, os filhos do processo de hibridização, que fundiram estruturas ou práticas sociais discretas, gerando novas práticas sociais dentro da sociedade colonial que permanecem até hoje.

Notamos que o processo de hibridação do cristão-novo não foi uniforme e coeso em todos os territórios, tendo ocorrido ou não em várias regiões e em vários grupos sociais, a sociedade colonial não era simples, tinha suas próprias características, sociedades mais rígidas e vigilantes e outras com certa liberdade, isso dependia muito dos a gentes da igreja que dependiam de denúncias para instaurar os processos inquisitórios por heresia ou desvios da religião católica. Até mesmo o criptojudaísmo que em muitas vezes aconteciam denúncias falsas, pois tais práticas aconteciam em grupos fechados e com o seu ambiente privado com certa segurança, tendo esses mesmos grupos recebido influências.

O hibridismo também foi uma questão identitária, cristãos-novos obrigados a conversão não tiveram escolha a não ser receber essas novas práticas, ao longo do tempo ele foi fundindo suas antigas práticas, se envolvendo a essa sociedade, sua resistência ou aculturação que hoje nos permitem identificar sua existência e suas contribuições para o misto de culturas que a sociedade, principalmente a sociedade colonial do nordeste.

A partir disso chegado a conclusão, apresentado os discursos das autoras, os questionamentos sobre hibridação do cristão-novo de ambas as autoras, e tendo respondido. Pode se notar que várias perguntas surgiram ainda sem respostas, a hibridação do sujeito cristão-novo, foi complexa mas também um fato, como tentamos responder nesse trabalho. Outras questões ficaram, por exemplo, quais foram suas permanências nessa suposta resistência? E como compreender o paradigma do Marranismo nas regiões mais isoladas, como no interior da Paraíba, como identificá-las? Como extrair dessas comunidades as práticas judaicas misturadas ao catolicismo?

THE HYBRID: NEW-CHRISTIANS IN THE BRAZILIAN COLONIAL SOCIETY
IN THE WORKS OF SONIA SIQUEIRA AND ANITA NOVINSKY

ABSTRACT

This work has as objective the problematization of hybridity of the Christian-New subject in Brazil in the colonial period, when relations were linked directly to the sacred. First of all, we used two relevant works of prominent historians, about discussions regarding the theme of the Inquisition in the colonial period, Sonia Siqueira and Anita Novinsky. And, as theoretical perspective we use two historians and writers, Michel de Certeau and Roger Chartier, to tell about the “Office of the Historian” and his speech as historical truth and how it represents his social place where he writes and to who he writes. Furthermore, with a small dimension about the world of Christian-New that lived in the colony, we dialogue and debate about the interaction of this hybrid in the society of the period, how and on which circumstances these Christian-New Jews found themselves in a new land, society and social context. Even more, obtaining different perceptions, we will make an analysis of this being to detect his importance in Brazilian society, as well as the legacies left by them. Besides, we will take a trip about the problematic cultural hybrid with the help of authors such as Peter Burke, with his discussion hybrid culture, and Néstor García Canclini, about hybrid cultures of America and “Reterritorialization” that such subject faced when arrived in the colony. Finally, we will discuss the character of resistance to the hybridization of the Christian-New, obtaining a character of identity or submission to the catholic society.

Keywords: New Christian. Hybridism. Historiography.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Naiara Ferraz. **Irmãos de cor e de fé: irmandades negras na Parahyba do século XIX**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, 2006.
- BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália – Séculos XV-XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: as artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- _____. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: entre incertezas e inquietudes**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universitária/UFRGS, 2002.
- _____. **A história cultural**. Lisboa: Difel: 1990.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2000.
- FREITAS, Marcos Cezar de. **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2007.
- GRUZINSKI, Serge. **O Pensamento Mestiço**. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MACHADO, Alex Rolim. **Cristãos-novos, inquisição e escravidão: Ensaio sobre inclusão e exclusão social (Alagoas Colonial, 1575 – 1821)**. Revista Crítica Histórica. Ano VI, nº 11, julho/2015 ISSN 2177-9961.
- MIELE, Neide. **Velhos “Cristãos-Novos” No Sertão Paraibano**. Revista Lusófona De Ciência Das Religiões – Ano VII, 2008 / N.º 13/14 – 539-552.
- MORAIS, Julierme e DIAS, Rodrigo Francisco. **Reflexões em torno do “ofício do historiador” e sua legitimidade epistemológica: o que Veyne, White, Certeau, Gay e Chartier têm a nos dizer?** Aedos no 12 vol. 5 - Jan/Jul 2013.
- NOVINSKY, Anita. **Cristãos-novos na Bahia**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. **A Inquisição**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1982.
- PASCOAL, José Runivaldo Marques. **A Análise Do Elemento Cristão-Novo Na Historiografia de Sonia Siqueira e Anita Novinsky**. II Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais – Salvador, setembro de 2013.

RAGUSA, Helena. **A História dos Cristãos-Novos no Brasil Colonial e a Escrita nos Livros Didáticos: Um Estudo Comparativo**. Dissertação de mestrado. (História Social). Universidade Estadual de Londrina Centro de Letras e Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em História Social. Londrina, 2012. p. 58-100.

SIQUEIRA, Sonia. **A Inquisição Portuguesa e a Sociedade Colonial**. São Paulo: Ática, 1978.

SIMÕES, Daniel Soares. **Protestantismo E Inquisição No Brasil Colonial: O “Luteranismo” Nas Confissões Da Primeira Visitação Do Santo Ofício Ao Brasil (1591-1595)**. *Sæculum - REVISTA DE HISTÓRIA* [21]; João Pessoa, Jul./ Dez. 2009.